

A COLEÇÃO CAPOEIRA DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO (MAFRO/UFBA): OS MESTRES PASTINHA, BIMBA E COBRINHA VERDE E A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA.

Joseania Miranda Freitas (UFBA)¹

Dora Maria Galas (UFBA)²

Sandra Kroetz (UFBA)³

Resumo

O texto apresenta as reflexões decorrentes das atividades de investigação sobre a identidade de determinados conjuntos museológicos, com base no registro das memórias de personalidades da Capoeira na Bahia, a saber: Mestre Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde, demonstrando os resultados advindos neste processo da atenção e cuidado na guarda das peças bem como a diligência, por parte dos familiares, ao reunir o material para doação ao Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chave: Capoeira; Documentação Museológica; Memória Afro-Brasileira; Museologia.

Abstract:

This paper presents analyses resulting from investigation activity of the identity of certain museological collection, based on recorded memory of personalities of Bahia's Capoeira, such as: Mestre Pastinha, Bimba and Cobrinha Verde. The results of this process show their attention and care in the safeguard of the objects, as well as the diligence of their families in gathering material to be donated to the Afro-Brazilian Museum of Federal University of Bahia.

Keywords: Capoeira; Museological Documentation; African-Brazilian Memory; Museology.

¹ Professora do curso de Museologia/UFBA e pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro.

² Graduanda do curso de Museologia. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFBA/CNPq, sob a orientação do prof^o Marcelo N. B. da Cunha. Atualmente mestranda em Museologia e Desenvolvimento Social do PPG em Museologia da Universidade Federal da Bahia.

³ Graduanda do curso de Museologia. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFBA/CNPq, sob a orientação da prof^a Joseania M. Freitas.

A COLEÇÃO CAPOEIRA DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO (MAFRO/UFBA): OS MESTRES PASTINHA, BIMBA E COBRINHA VERDE E A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA.

Joseania Miranda Freitas (UFBA)⁴

Dora Maria Galas (UFBA)⁵

Sandra Kroetz (UFBA)⁶

Comentários iniciais

As reflexões aqui apresentadas decorrem de um trabalho de pesquisa realizado de forma coletiva por bolsistas de iniciação científica no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA), associando princípios teóricos e as observações decorrentes da investigação empírica que resultou no registro documental da Coleção Capoeira do Museu que se encontra armazenada e acondicionada na Reserva Técnica.

O MAFRO/UFBA, da forma como se apresenta nos dias de hoje, é resultado de anos de amadurecimento de um projeto iniciado em 1974 e inaugurado em 1982, no prédio da Faculdade de Medicina, localizado no Terreiro de Jesus, apresentando à cidade do Salvador um espaço de memória específico para o registro e guarda do patrimônio africano e afro-brasileiro. Esta iniciativa representou um importante ganho simbólico e material para as comunidades de terreiro, associações de blocos afros e afoxés e para as entidades do movimento negro que encontraram no Museu a possibilidade de visualizar, em forma de exposição museográfica, elementos das culturas e heranças africanas e afro-brasileiras.

Nessa perspectiva, destaca-se o pioneirismo do MAFRO/UFBA que, além do ineditismo de apresentar em exposição elementos da cultura material de povos africanos e afrodescendentes, também proporcionou espaços para palestras e exposições temporárias, despertando, no seu público mais próximo, o respeito e a confiança, fundamentais para que novos objetos ou conjuntos fossem incorporados,

⁴ Professora do curso de Museologia/UFBA e pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro.

⁵ Graduanda do curso de Museologia. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFBA/CNPq, sob a orientação do prof^o Marcelo N. B. da Cunha. Atualmente mestranda em Museologia e Desenvolvimento Social do PPG em Museologia da Universidade Federal da Bahia.

⁶ Graduanda do curso de Museologia. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFBA/CNPq, sob a orientação da prof^a Joseania M. Freitas.

através de doações e/ou empréstimos de longo ou curto prazo. Uma vez firmada esta estreita relação museu-público, os familiares dos mestres Pastinha - Vicente Joaquim Ferreira Pastinha e Bimba - Manoel dos Reis Machado e Cobrinha Verde - Rafael Alves França, se sentiram estimulados colocarem sob a guarda do Museu, seja por empréstimo ou doação, entre os anos de 1983 e 1984, as peças que foram estudadas para serem identificadas e que se tornaram objeto deste artigo.⁷

Tais peças estiveram em exposição até 1995 (imagens 1 e 2), quando então o MAFRO/UFBA passou pela primeira reestruturação da exposição de longa duração. Aquele momento também foi marcado pela perda de espaços físicos nas instalações gerais do Museu. Essa reestruturação durou dois anos, orquestrada por um projeto que incluía a instalação da *Sala da Herança Afro-Brasileira*, que daria destaque às coleções de Capoeira, Irmandades, Quilombos, Movimentos Negros, Afoxés e Blocos Afro. No entanto, com a falta de espaço para uma sala que pudesse abrigá-las, as peças foram acondicionadas e armazenadas na Reserva Técnica⁸.



Imagem 1 – Exposição Capoeira –
Foto do acervo MAFRO/UFBA



Imagem 2 – Exposição Capoeira –
Foto do acervo MAFRO/UFBA

Entre 2011 e 2012, as bolsistas Dora Maria Galas e Sandra Kroetz deram início ao registro formal da Coleção Capoeira. O trabalho de pesquisa foi pautado em sessões de orientação, estabelecendo as prioridades e a divisão das principais tarefas: revisão bibliográfica e biográfica sobre os mestres capoeiristas, revisão bibliográfica sobre documentação museológica, levantamento documental, sistematização e classificação do acervo.

⁷ As peças doadas pelos familiares do Mestre Cobrinha Verde têm seu número de registro no Museu iniciadas em MAF, enquanto as peças emprestadas dos Mestres Pastinha e BIMBA iniciam pela letra E.

⁸ A nova Reserva Técnica, que atende aos padrões técnicos, foi inaugurada em 2009 - através de um projeto de apoio do BNDES.

O acervo de Capoeira do MAFRO/UFBA

A Coleção é composta de 104 peças, conforme tabela em anexo, sendo 70 peças dos mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde, assim distribuída: 10 utensílios - inclusive uma peça de mobiliário; 11 peças de vestuário, incluindo acessórios como bengalas e guarda-chuva; 40 instrumentos musicais - especificamente berimbaus, pandeiros e reco-recos, 10 artefatos artísticos, sendo três quadros pintados pelo Mestre Cobrinha Verde, e desenhos retratando passos de Capoeira feitos pelo Mestre Pastinha. O acervo iconográfico é composto por 27 fotografias e fotomontagens classificadas como construções artísticas, documentos referentes às Academias de Mestre Pastinha e Mestre Bimba e 6 peças classificadas como diversos.

Cabe ressaltar que a coleção de Mestre Bimba é composta principalmente por material iconográfico e documental referente a sua *Academia de Capoeira Regional*. A Coleção Capoeira está subdividida em 23 peças de Pastinha, 21 peças de Bimba e 26 peças de Cobrinha Verde, além de 34 peças que, embora compondo a coleção de objetos de Capoeira do MAFRO/UFBA, foram relacionadas separadamente devido à procedência dos objetos; alguns foram doados durante o processo de formação do Museu, a exemplo de berimbaus e outros instrumentos musicais que foram doados por Camafeu de Oxossi, figura de destaque na cena cultural de Salvador, no período de formação do MAFRO/UFBA.

Os Mestres e suas coleções

Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde iniciaram a jogar Capoeira nas duas primeiras décadas do século XX, em um momento histórico em que ainda era considerada atividade marginal, proibida por lei. Os capoeiristas deste período dividiam o território do centro antigo de Salvador, tendo o poder público perdido o controle daquele espaço urbano, conforme atestam as pesquisas realizadas por Josivaldo Oliveira (2004).

A relação destes capoeiristas com o poder político da Bahia é parte da história não oficial de pessoas que exerceram cargos públicos nesse estado à época, quando se estabeleceu uma troca de favores: proteção legal para os capoeiristas em troca de serviço de capangagem, como salienta Oliveira (2004). Uma análise do momento político revela uma época de agitação com a República recém-instalada, alguns conflitos armados, a formação de blocos partidários nacionais e regionais e fraude

eleitoral. Esse é o início de uma relação intrincada de proteção em que capoeiristas e políticos baianos se beneficiaram.

Graças a essa relação com os homens públicos, os praticantes da Capoeira conseguiram sair do universo da rua para os ringues de luta e, finalmente, a Capoeira foi citada e reconhecida como prática esportiva, saindo das páginas policiais para as desportivas e culturais da imprensa, com a aceitação do poder público. No final da década de 1930, no contexto da política nacionalista de Getúlio Vargas, do declínio das teorias raciais e com a inserção e afirmação social conseguida pelos capoeiristas no meio político da Bahia, surgem em meados do ano de 1937, as Academias de Capoeira, ainda segundo Oliveira (2004).

Há, nas três coleções, elementos identificatórios de cada um dos mestres, que explicitam as diferentes formas de praticar e registrar a Capoeira. A coleção de Mestre Pastinha é composta por 23 peças. Este Mestre, que nasceu no ano da abolição da escravidão (1899), foi marcadamente um homem do seu tempo, o qual buscou a efetiva conquista da abolição, que já existia por lei, mas que na vivência cotidiana precisava ser conquistada a cada dia. Sua Capoeira, batizada *Capoeira Angola*, apresentava no nome uma referência explícita ao continente africano e à história da escravidão, motivos pelos quais as peças de sua coleção expressam a necessidade do Mestre provar para a sociedade o caráter cívico de brasilidade da Capoeira.

A coleção do Mestre Bimba, composta por 21 peças, expressa a sua grande preocupação em tirar a Capoeira da clandestinidade, pois desde o final do século XIX era considerada crime previsto no artigo 402 do Código Penal da República de 1890; chegando a ser punido com até seis meses de prisão, aquele que a praticasse, nas ruas ou nas escolas de Capoeira, como informa Esdras Santos (2002). A coleção mostra a sua luta pela transformação da Capoeira em uma manifestação cultural que, além de esporte e dança folclórica, fosse também um estilo revolucionário, segundo Hélio Campos (2006).

A coleção do Mestre Cobrinha Verde, composta por 26 peças, é marcada pela sua expressão religiosa. Entre as variadas peças destacam-se imagens iconográficas que remetem ao sincretismo religioso. A policromia, verde e amarela, pode revelar a importância dos elementos cívicos de brasilidade da Capoeira na Bahia.

Mestre Pastinha



Mestre Pastinha. Foto do acervo MAFRO/UFBA

Vicente Joaquim Ferreira Pastinha - conhecido como Mestre Pastinha - nasceu em 05 de abril de 1889 e faleceu em 13 de novembro de 1981, conforme consta no livro *Capoeira Angola*, publicado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, (Pastinha, 1998). O Mestre divulgou com maestria a Capoeira, viajando por vários lugares do mundo, valorizando a *Capoeira Angola*⁹. Era reconhecido por muitos artistas brasileiros que se deslumbravam com suas exibições. De acordo com Santos (2002), o Mestre Pastinha registrou suas memórias sobre a Capoeira em versos no livro *Capoeira Angola*, publicado em 1964, pela Gráfica Loreto.

Conforme é possível observar nas peças do acervo do Mestre, seus alunos, do *Centro Esportivo de Capoeira Angola*, no Largo do Pelourinho, usavam como uniforme: calças pretas e camisas amarelas, cores do seu time, o Ypiranga Futebol Clube.

As peças de sua coleção o identificam como uma pessoa consciente do valor da Capoeira, atuando como seu defensor e divulgador, afirmando que a Capoeira estava além dos preconceitos que havia na sociedade. Mostrou sua filosofia de vida em muitas mensagens consistentes, conforme consta nos documentos inventariados, doados ao MAFRO/UFBA por sua segunda esposa, dona Maria Romélia Costa Oliveira.

A coleção de Mestre Pastinha apresenta um caráter cívico, religioso, lírico e pessoal. Somente esta coleção, em relação às outras, apresenta peças de uso pessoal, como o traje de linho branco, composto por paletó, calças e camisa de cambraia, peças que o identificam como um homem magro e de estatura pequena. As



Uniforme do Centro Esportivo de Capoeira Angola
Foto do acervo MAFRO/UFBA

⁹ No Brasil, o Mestre participou de demonstrações de *Capoeira Angola* em diversas associações esportivas, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre e outras. No exterior, representou a Bahia no *I Festival de Arte Negra*, em Dakar, no Senegal. (Pastinha, 1998).

suas fotografias, pela expressão que apresenta, sugerem um homem sério, possivelmente de personalidade catalisadora, com seus alunos em rodas de Capoeira, tocando atabaque e com sua esposa D. Romélia. Os seus documentos, assim como os de Mestre Bimba, atestam a intenção de firmar a Capoeira como uma escola de luta nacional, organizando sua prática e ampliando sua aceitação.

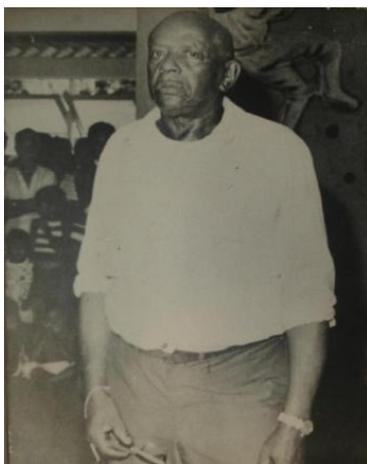


Estandarte de Mestre Pastinha
Foto do acervo MAFRO/UFBA

O livro de registro de alunos de sua Academia revela-se como importante fonte de pesquisa para os estudiosos da Capoeira no contexto baiano. Seus desenhos comprovam a sua passagem pelo Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, no início dos anos 1920. Um estandarte de 61cm x 80cm, em tecido tipo tafetá, na cor creme, envelhecido (imagem 5), tem o título *Academia de Angola*, com imagens do perfil de Mestre Pastinha,

ao lado 16 representações de movimentos de Capoeira, leva a seguinte inscrição: *O Brasil e a Capoeira nasceu em Salvador, é um pavilhão da justiça e a bandeira do amor. A capoeira é patrimônio não pode perder o seu valor. Vicente F. Pastinha.* Palavras significativas do momento histórico de afirmação da Capoeira no cenário nacional e da dimensão civilizatória com a qual era entendida por Mestre Pastinha.

Mestre Bimba



Mestre Bimba - Foto do
acervo MAFRO/UFBA

Conhecido como *Mestre Bimba*, Manoel dos Reis Machado, nasceu em 23 de novembro de 1890 e faleceu em 15 de fevereiro de 1974, segundo Santos (2002). Este Mestre criou uma nova vertente, denominada *Capoeira Regional*, oriunda da *Capoeira Angola* e do *Batuque*¹⁰, cujo principal objetivo era legitimá-la como esporte, dando-lhe um caráter de esporte nacional, tendo como uma das características o enaltecimento das habilidades físicas e o atletismo.

A coleção de Mestre Bimba está composta

¹⁰ Batuque: espécie de luta livre comum na Bahia do século XIX, segundo Fernandes (2001).

principalmente por livros, *posters*, cartazes de propaganda, flâmulas, fotografias pessoais, fotomontagens, quadros com fotografias de seus alunos e convites para formaturas de Capoeira entre outras peças que oferecem indícios demonstrativos de sua preocupação em fugir de qualquer estereótipo que lembrasse a origem marginalizada da Capoeira.

Destacam-se, na coleção, as fichas de inscrição dos alunos, as súmulas de campeonatos, livro descrevendo os passos da capoeira regional, convites para festas de formatura da Academia de Capoeira Regional e capa de disco (*long play*) com curso de *Capoeira Regional*, artefatos representativos das intenções de organização de uma escola de Capoeira. Uma fotografia (imagem 7) em especial oferece potencial de pesquisa: uma imagem de Mestre Bimba sendo cumprimentado pelo presidente Getúlio Vargas no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro - imagem que registra um importante momento do processo de construção de uma identidade nacional formulado por Vargas, destacando a força que o trânsito político teve no universo da aceitação da Capoeira.

O governo Getúlio Vargas foi pródigo na utilização do patrimônio e da cultura para reforçar a ideia de nação. Na primeira metade do século XX, o nacionalismo estava na ordem do dia do contexto mundial. Neste período, foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais em 1933, por Gustavo Barroso, que foi substituída em 1937 pelo *Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, o SPHAN, com a chancela de intelectuais como Mário de Andrade, que incorporavam como bens nacionais, aspectos das culturas indígenas e negras. Naquele momento, aprimorou-se a construção do conveniente discurso político da existência de uma nação mestiça, surgida da possibilidade de interação e convivência entre matrizes étnicas distintas, de acordo com informações de Lília Schwarcz (1996) e Carlos Lemos (1981).



Mestre Bimba com Getúlio Vargas
Foto do acervo MAFRO/UFBA

De acordo com Adriana Fernandes (2001), Mestre Bimba mudou alguns movimentos e criou um código de ética rígido, determinando um uniforme branco, o que exigia mais rigor na higiene dos alunos. Este fato remete à compreensão do tempo-espaço vivido pelo Mestre. Os primeiros anos do século XX foram fortemente

marcados pelas ideias higienistas, desenvolvidas na Europa desde o século XIX, chegando ao espaço Salvador, num tempo pós-abolição, em que estas ideias, aliadas às teorias raciais, indicavam a população afrodescendente como alvo direto do preconceito, culpabilizada pelos atrasos sociais, daí o empenho do Mestre em caracterizar a Capoeira como esporte, aliando-a às concepções de saúde e higiene vigentes no período. O acervo iconográfico da coleção revela um homem forte, disciplinador, militante da causa da Capoeira; um homem que se confunde com a própria conquista de espaço social para os afrodescendentes.

Mestre Cobrinha Verde



Mestre Cobrinha Verde
Foto do acervo
AFRO/UFBA

Rafael Alves França - Mestre Cobrinha Verde - foi, segundo o vernáculo da Capoeira, um *mandingueiro*¹¹ muito respeitado. Há indefinições quanto às datas de nascimento e falecimento. Quanto ao nascimento, Nei Lopes (2004) afirma ter sido no ano de 1917, sem precisar uma data. Quanto à data de falecimento, o *site* da Revista Afro-Ásia, que destaca a sua participação como colaborador do Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO, onde prestou valioso auxílio junto aos pesquisadores africanos sobre medicina popular, informa que faleceu em 10 de maio de 1982. No entanto, Maíra Cesarino Soares (2010) afirma em sua dissertação que ele faleceu em 1983, sem uma data precisa.

Mestre Cobrinha Verde foi introduzido na Capoeira aos 4 anos de idade por seu primo, o capoeirista *Besouro Mangangá*¹², que lhe deu o apelido de *Cobrinha Verde* e o fez prometer que nunca deveria cobrar para ensinar a Capoeira: promessa cumprida até o final de sua vida.

¹¹ Ser mandingueiro na capoeira é ter malícia, ser esperto no jogo. Refere-se "... tanto aos poderes mágicos de alguns deles, como também se fundia com a idéia de malandragem, no sentido de arte da esperteza, da malícia e da trucagem". (DIAS, 2006, p. 17)

¹² Manuel Henrique Pereira (1897-1923). Capoeirista que se tornou o maior símbolo da Capoeira baiana no início do século XX. Sua vida foi permeada pelo misticismo, era considerado um herói nas rodas de capoeira, por ter sempre lutado contra as injustiças. Suas proezas e lendas são cantadas em cantigas em todas as rodas de Capoeira. Informação disponível em: <http://www.portalcapoeira.com>

Sua coleção é a mais variada: beribas, caxixis, peças de vestuário, utensílios, cipó caboclo, instrumentos musicais, pinturas e medalhas, entre outros. Na coleção destacam-se os berimbaus e um reco-reco construído por reciclagem de calota de um veículo; três pinturas a óleo sobre madeira, cujas iconografias remetem ao universo do sincretismo religioso: uma das representações é São Cipriano, outra a de um caboclo e a terceira representa uma festa do dia 2 de Julho (independência da Bahia¹³), com samba de roda e baianas. Na coleção ainda destacam-se os acessórios de vestuário como bengalas confeccionadas com cipós envernizados e chapéu. As peças apresentam uma significativa policromia em verde e amarelo. As cabaças dos berimbaus apresentam decoração de passos de Capoeira, bandeira brasileira e o nome: Rafael Alves França. Estes aspectos parecem revelar a importância deste momento de conquista cidadã, ainda que incipiente, por meio da Capoeira.

A transformação de uma calota em reco-reco é significativa do domínio rítmico e da criatividade, ainda hoje encontrada nas periferias das grandes cidades.



Reco-reco

Fotos do acervo MAFRO/UFBA

Reflexões sobre a Documentação da Coleção Capoeira: problemas e adequações.

A partir do estudo desta coleção, composta em parte significativa de peças que pertenceram a três importantes Mestres de Capoeira da cidade de Salvador: Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde - foi realizado o estudo teórico aprofundado sobre o sistema de classificação para acervos de museus, de forma a revisar as leituras do referencial bibliográfico relativo à área de documentação e classificação museológica, assim como

¹³ No processo de independência do Brasil, houve resistência portuguesa em algumas regiões. Na Bahia, no dia 2 de julho comemora-se a vitória dos baianos contra os portugueses, após meses de guerra, quando se consolidou a independência.

foram consultadas e discutidas obras de pesquisadores do Museu, que já apresentavam resultados do trabalho empírico com outras coleções¹⁴.

De posse do referencial bibliográfico necessário, partiu-se para o estudo e análise dos objetos da coleção de forma a adequar o esquema classificatório elaborado por Juipurema Sandes (2010) para a coleção de *Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira*, e aplicado por Telma Carvalho (2011) à coleção *Blocos Afros e Afoxés*, para as peças de Capoeira. Após a análise destas propostas de classificação, constatou-se a necessidade de adaptações que permitissem sua aplicabilidade em conjuntos de outra natureza e, assim, que representassem os objetos e temas (nem sempre explícitos) também diferentes.

Dando continuidade ao trabalho de modificação de alguns instrumentos de controle do acervo (inventário, fichas de registro geral), foi elaborado um modelo de planilha de inventário, partindo da planilha já existente na instituição, ampliando-a com campos específicos relativos à classificação, coleção, período de entrada no Museu, modo de aquisição dos artefatos, numerações e observação. Depois de discutida e aprovada em consenso, a planilha foi aplicada ao conjunto de objetos de Capoeira. Os primeiros dados para o preenchimento desta planilha foram resultado de pesquisa realizada nos documentos relativos ao histórico dos objetos da Coleção Capoeira no Museu. Estipulando-se os campos da planilha, simultaneamente, foram revistos os campos da ficha de Registro Geral de Objetos, com base no modelo proposto por Carvalho (2011).

Alguns aspectos que dizem respeito à adequação do esquema de classificação e que, portanto, fundamentaram o desenvolvimento do estudo documental da Coleção Capoeira devem ser esclarecidos. Os sistemas de classificação elaborados para acervos bibliográficos: Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), que agrupam os acervos bibliográficos em grandes áreas temáticas, serviram de base para a estrutura numérica decimal adotada por Sandes (2010), cujo objetivo foi o de dar ordenamento lógico à coleção que foi foco de seu estudo, ou seja, respondeu por necessidades específicas. Contudo, a opção por recorrer às

¹⁴ SANDES, Juipurema A. S. O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e sua coleção de cultura material religiosa afro-brasileira. 288 f. Dissertação. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos étnicos e Africanos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010. CARVALHO, T. F. A documentação da indumentária dos blocos afros e afoxés da Bahia: Acervo do museu afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia, Relatório Final do Estágio Supervisionado para graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia. Salvador, julho 2011.

classificações bibliográficas limita, numericamente, a criação de classes e macroclasses em nove categorias. Do ponto de vista de acervos museológicos - produtos da cultura material e em um museu de coleção aberta - observa-se a dificuldade em seguir um sistema de classificação com tais características.

Na estruturação de um sistema de classificação em museus deve-se partir do estudo do objeto entendendo o seu significado em um contexto de utilidade-função, quando se atribui um conceito e uma designação¹⁵. A proposta de Sandes (2010) foi elaborada visando uma coleção fechada e monotemática, ancorada em uma pergunta específica: - qual a função do objeto no contexto do universo religioso afro-brasileiro? O que colocaria todas as outras coleções do MAFRO/UFBA sob a tutela da coleção de cultura material religiosa afro-brasileira. Entretanto, o levantamento do tipo de objeto de outras coleções sob a guarda do MAFRO/UFBA indicou a existência de alguma similaridade temática ou pontos de contato, o que possibilitaria, após a indispensável realização de determinadas modificações, a manutenção do sistema numérico fechado em nove categorias.

Após a análise destes aspectos, optou-se por efetuar alguns ajustes no esquema classificatório existente, elaborando uma proposta de esquema de classificação que atendesse o mais possível a todo o perfil do acervo do Museu. Os ajustes foram possíveis a partir de um estudo sistemático do Thesaurus para Acervos Museológicos (FERREZ e BIANCHINI, 1987) e da bibliografia referente à documentação de museus e linguagens controladas, a exemplo de Cerávolo e Tálamo (2000), Cintra et alli (1994); na opinião de autores publicados no MAST Colloquia (2008), Salum (1988) e SMIT (1986) - que fundamentaram as mudanças necessárias, seja no processo de arbitrar a criação e/ou mudanças de macroclasse e classes, seja no entendimento de que um sistema de classificação é um método de organizar o conhecimento implícito num acervo museológico para que a informação seja mais facilmente acessada e recuperada, oferecendo mobilidade e procurando minimizar outros efeitos das linguagens construídas, além do que também procurando não reduzir as conexões entre os objetos, entre eles e o universo material e mesmo o universo simbólico.

¹⁵ Ferrez e Bianchini (1987, p. XXII) ao explicarem o método de organização dos termos no Thesaurus para acervos museológicos, citando Chenhall, dizem que “todo objeto feito pelo homem foi originalmente criado para cumprir uma função”. O conceito de função original existe em todos os objetos, “sendo, portanto, a única característica que pode ser utilizada para uma classificação sistematizada, independente do uso que os objetos possam vir a ter mais tarde”.

Tendo em vista este objetivo, foi necessário um estudo dos termos e das definições de classes arbitrados para a Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira desenvolvida por Sandes (2010), verificando-se a possibilidade de inserir os objetos da Coleção Capoeira naquela estrutura. O passo seguinte, ao constatar-se a incompatibilidade entre vários objetos e as definições existentes no esquema classificatório foi criar três novas macroclasses e classes, com base numa relação de gênero-espécie menos específica para o universo de cultura material religiosa, ampliar termos e arbitrar novos termos. Este foi o processo de averiguação necessário para dar prosseguimento, de forma coerente, à ampliação do esquema de classificação do MAFRO/UFBA de modo a incorporar quer a Coleção Capoeira quer outros conjuntos.

Todos os ajustes foram realizados tendo em vista o acervo do MAFRO/UFBA, de modo a permitir algum grau de mobilidade no processo de classificação de peças ou conjunto de peças. A ausência de mobilidade é o aspecto limitador do sistema numérico proposto por Sandes para as classes de objetos, entendendo-se que ampliações, mudanças e supressões devem ser previstas na adoção de uma linguagem controlada em museus.

Foram estes procedimentos metodológicos e os resultados alcançados que possibilitaram a atualização dos registros internos da documentação do Museu, incorporando o desdobramento de classes de modo a catalogar e indexar as coleções de objetos dos três Mestres em categorias que se articulam umas às outras.

Considerações finais

Ao estudar uma coleção museológica tem-se a oportunidade de revisar os conceitos básicos tratados pela Museologia, principalmente no tocante à documentação, de forma a tecer argumentos para a compreensão dos objetos e suas implicações. As coleções dos mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde são portadoras de uma infinidade de informações, estando composta de 70 peças, constituindo um conjunto documental que registra a materialidade das memórias, não somente dos três mestres, mas da Capoeira na Bahia e seus diversos sujeitos e situações sociais.

O registro documental das peças de museus exige a coleta do máximo de informações, sejam elas obtidas no contato direto com o objeto e sua constituição material, ou por meio de pesquisa bibliográfica e/ou de campo, resultando num complexo de dados a serem criteriosamente relacionados e analisados, uma vez que

são formadores da base consistente para futuras pesquisas, ou mesmo, para as exposições na interface com o visitante.

Este minucioso registro é o que identifica, descreve e contextualiza os artefatos e objetos em um museu, além de permitir a posterior transmissão das informações coletadas. Para que essa transmissão se processe de maneira fluida, a documentação museológica deve ser confiável, eficiente, além de facilitar a comunicação do Museu com o público, possibilitando que o próprio visitante analise e reflita sobre as mensagens que a instituição deseja comunicar por meio do seu acervo.

Cabe então ao museólogo a responsabilidade de estudar e compreender a dimensão do conjunto de artefatos e objetos como patrimônio cultural, para a partir daí, elaborar os questionamentos pertinentes, com o intuito de extrair o máximo de informação destes elementos da cultura material para enriquecer a documentação museológica do acervo, propiciando a possibilidade de novas pesquisas, principalmente aos estudiosos da cultura brasileira, além de facilitar a gestão do acervo com o desenvolvimento de um trabalho padronizado e produtivo junto à documentação museológica do Museu.

Nessa experiência de estudo das coleções de Capoeira dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde foi possível verificar como um processo de pesquisa é revelador das tramas de relações pelas quais foi construída, seja de forma isolada ou em conjunto. O processo de pesquisa revelou aspectos identitários de quem produziu as peças, as utilizou e as salvaguardou, possibilitando também a abertura de outros campos a investigar, a exemplo dos contextos, que levam à explicitação dos tempos e espaços com os quais as peças estabeleceram e ainda estabelecem relações. As coleções apresentam dados relativos não somente aos tempos e espaços vivenciados pelos mestres, mas revelam também o seu *horizonte social*, na expressão de García Blanco (1994). Ou seja, as coleções não estão restritas aos mestres, mas por suas características individuais e coletivas podem ser consideradas como marcos para outros estudos, pois nas respostas às questões de pesquisa, novas narrativas explicativas podem ser construídas.

Referências

CARVALHO, Telma Ferreira. A documentação da indumentária dos blocos afros e afoxés da Bahia: Acervo do museu afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia, Relatório Final do Estágio Supervisionado para graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia Salvador, julho 2011.

CAMPOS, Hélio José Bastos Carneiro de. Histórias da Academia de Mestre Bimba: o cotidiano da aprendizagem. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia. 2006.

CERAVOLO, S., TÁLAMO F., Tratamento e Organização de Informações Documentárias em Museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, nº 10, p 241-253, 2000.

CINTRA, A. M. M.; TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. **Para entender as linguagens documentárias**, São Paulo: Polis, 1994.

DIAS, Adriana Albert. Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925). Salvador: Edufba. 2006.

FERNANDES, Adriana. In: Mestre Bimba. Texto escrito em 24/5/2001. Consultado em 02/08/2012. Disponível em:

<http://360graus.terra.com.br/geral/default.asp?did=2062&action=geral>

FERREZ. Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. **Thesaurus**: para acervos museológicos, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, v.1 v.2 (serie técnica; n.1) ISBN 85-7064-009-9, 1987.

GARCÍA BLANCO, Ángela. **Didáctica del museo**: el descubrimiento de los objeto. Madri: Ediciones e la Torre. 1994.

GARCIA, Victor Alvim Itahim. A bravura de se contar histórias sobre Besouro. <http://www.portalcapoeira.com> Consulta em 28/07/2012.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004. Disponível em <http://books.google.com.br> Consulta em 10/08/2012.

MAST COLLOQUIA VOL10. Documentação em Museus / Museu de Astronomia e Ciências Afins, GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (Org.). Rio de Janeiro: MAST, 2008.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de, Pelas ruas da Bahia: Criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912 -1937). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, 2004.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3ª ed. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. Disponível em www.portalcapoeira.com Consulta em 04/08/2012.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. Termos Classificatórios de objeto de arte africana nas coleções: um problema para os acervos museográficos no Brasil, **Dédalo: Revista Anual de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n 26, p. 43-60: USP, 1988.

SANDES, Juipurema A. S. O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e sua coleção de cultura material religiosa afro-brasileira, 2010. 288 f. Dissertação. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos étnicos e Africanos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010.

SANTOS, Esdras Magalhães do. Mestre Damião. A verdadeira história da criação da luta regional bahiana do Mestre Bimba. São José dos Campos, 2002. Disponível para download no site da ACCPPA: <http://www.cppa.com.br>.

SOARES, Maíra Cesarino. Roda de Capoeira: rito espetacular. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Escola de Belas Artes – EBA. Mestrado em Artes. 2010. Acesso em 08/08/2012.

Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/JSSS-8BAFR8/1/ma_ra_cesarino_soares._roda_de_capoeira__rito_espetacular.pdf

SMIT, Johanna. **O Que é Documentação**, São Paulo: Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos).

SCHWARCZ, Lilia. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. In: **Afro-Ásia**, 18 (1996).

Anexo I

PEÇAS	QUANTIDADE
ARTEFATOS ARTÍSTICOS	10
DIVERSOS	6
FOTOGRAFIAS E FOTOMONTAGENS	27
INSTRUMENTOS MUSICAIS	40
PEÇAS DE VESTUÁRIO	11
UTENSÍLIOS	10
TOTAL GERAL	104
Mestre Pastinha	23
Mestre Bimba	21
Mestre Cobrinha Verde	26
Total dos Mestres	70
Total de outras procedências	34
TOTAL GERAL	104